importância política, tôda na mão das camarilhas palacianas e dos reis absolutos. O desenvolvimento da burguesia industrial era dificultado pela legislação semi-feudal do velho estado absoluto, que com os dizimos, as corporações (suprimidas pelo Marquês), o comunitarismo estatual alimentando fartamente uma aristocracia ignara e parasita, os vínculos operando uma concentração da terra, a tutela inglêsa não permitindo o auxílio á indústria nascente, lhe tornavam impossível o seu desenvolvimento económico, a sua maioridade política.

A obra do Marquês foi tôda dirigida no sentido de facilitar o aparecimento de novas indústrias, de fomentar as que já existiam, e de dar uma importância política a essa nova classe, quer chamando muitos dos seus elementos mais destacados para cargos governativos, quer nobilitando outros.

E' nesta preferência dada á nova classe em detrimento dos interesses de nobreza comunitarista, que devemos estribar o derubamento de Castelo-Melhor. As perseguições de que foi vítima Castelo-Melhor, as conspiratas palacianas contra D. Afonso vi seu patrono, devem-se, quanto a nós, á política reformadora de Castelo-Melhor, política que iria ferir os interesses da nobreza comunitarista em favor da burguesia industrial e pequena burguesia agrícola, e as conspirações contra o governo de Sebastião José e o Rei que o apoiava; conspiratas que o pulso firme de Pombal reprimiu sempre até á morte do Rei. Com a morte de D. José, chegou a tão desejada «viradeira», e com ela de novo assentou arraiais a nobreza comunitarista, até que, finalmente, depois de várias lutas (a revolução de 1820, o golpe de estado de D. Miguel) foi terminar pelo triunfo definitivo da revolução liberal em 1834 e conseqüente triunfo político da burguesia industrial e pequena burguesia agrícola. A nova classe tinha como mentores ideológicos a famosa pléiade francesa do século dezoito: Rousseau, Voltaire, Diderot, D'Alembert, que na sua variada obra expressaram, uns melhor, outros peor, as aspirações da classe que então era a detentora da ideia de progresso e de melhoramento da vida social.

Em Portugal as figuras mais representativas desta corrente renovadora foram Verney com a sua critica lucida ao ensino; D. Luis da Cunha com a indicação do Marquês para a substituição do caquético Frei

Gaspar da Encarnação no governo do país: Ribeiro Sanches, o colaborador da Enciclopédia na reforma da Universidade de Coimbra, levada a cabo pelo Marquês de Pombal. Foram sobretudo êstes «estranjeiros» os principais operadores dessa reforma, pois exerceram uma influência notável em todos os sectores da vida portuguesa. Qualquer deles concorreu grandemente para a renovação da vida nacional, quer no campo político, — todos êstes homens foram fortemente influenciados pelos pensadores franceses em cujo convívio alguns deles viveram — quer no campo puramente intelectual. Foram os «estranjeirados»; porque vivendo fora do país respiraram um ar que não era o ambiente asfixiante da côrte joanina, cujos horizontes em matéria intelectual não iam além dos versos preciosos, glosando motes imbecis, lançados por freirinhas ladinas ás grades dos conventos, ou dos discursos laudatórios dum barroquismo ôco. Todo êste movimento renovador (crise lhe chamou o S. Hermani Cidade num belo ensaio) vai ter o seu epílogo, no campo económico, industrialização do país, no campo político pelo triunfo da revolução liberal, e, finalmente, no campo intelectual, pelo aparecimento do Romantismo que, na definição do velho Hugo, é o liberalismo na literatura.

Quere o Sr. António Sérgio que a publicação da «História de Portugal» por Herculano seja, depois do «Verdadeiro Método de Estudar», de Verney, um dos grandes padrões da critica portuguesa: de facto, ninguém como Herculano conseguiu construir um tam seguro trabalho da análise histórica, nem deitar por terra tantas e tam falsas concepções a-propósito da história nacional. Se o peripato e a influência da Companhia de Jesus no ensino sofreram um rude golpe com a publicação de «Verdadeiro Método de Estudar», também ruíram com fragor todos os embustes e lendas da historiografia dos séculos xvii e xviii perante êsse monumento crítico que é a «História de Portugal».

Foi Herculano, como Fernão Lopes, o filho espiritual duma revolução: o seu teorista, poderemos dizer, pois a revolução legislativa de Mousinho da Silveira só toma o seu verdadeiro significado com os comentários do autor dos «Opúsculos». Se vemos e sentimos em tôda a sua grandeza o movimento popular de 1383, através as páginas admiráveis que lhe consagrou Fernão Lo-